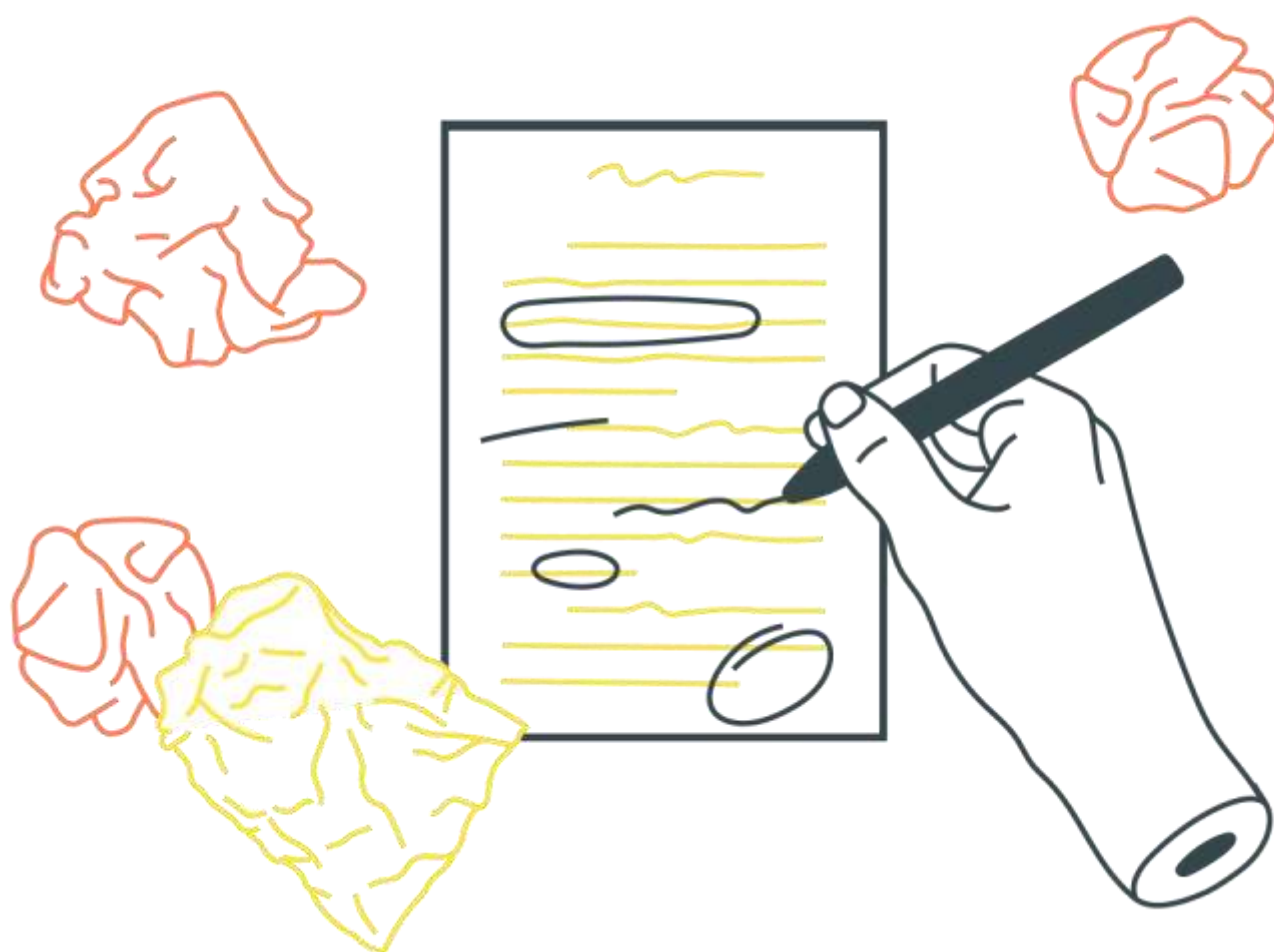


# Resolução de Provas Específicas de Redação – Aula 3



## Resolução de Provas Específicas de Redação – Aula 3

UFSC 2016

### PROPOSTA 1

Considere os textos abaixo e crie uma lenda a ser contada por um sábio indígena às crianças de sua aldeia.

Em todas as culturas, as lendas surgem como narrativas que o homem encontrou para compreender e dar sentido aos fatos e eventos da vida e do mundo. Muitas lendas explicam a origem das coisas, como certos alimentos; práticas culturais, como a agricultura; e fenômenos naturais, como o trovão e os eclipses. O contato dos povos indígenas com comunidades próximas tornou algumas dessas lendas conhecidas, de modo que foram absorvidas pela cultura regional brasileira.

*Mitos e lendas da cultura indígena. Museu do Índio –PROGDOC. Disponível em: <[progdoc.museudoindio.gov.br/noticias/retorno-de-midia/68-mitos-e-lendas-da-cultura-indigena](http://progdoc.museudoindio.gov.br/noticias/retorno-de-midia/68-mitos-e-lendas-da-cultura-indigena)>. [Adaptado]. Acesso em: 15 out. 2015.*

O grande narrador é considerado pelos povos indígenas uma pessoa mais sábia e mais completa. Ele conhece as histórias dos tempos antigos e da formação do mundo e, por isso, sabe pensar sobre os problemas dos tempos presentes. Muitos dos fenômenos da atualidade, como as doenças, a morte e a guerra, tiveram origem em algum acontecimento dos tempos primeiros.

[...] As lendas indígenas não desapareceram, mesmo com todas as mudanças no mundo moderno. Elas ainda permanecem vivas porque são muito importantes para os povos indígenas, porque são a sua verdade sobre o mundo, e também porque fazem parte de uma tradição muito antiga, transmitida por pessoas que vivem por aqui há milhares de anos. Elas são uma demonstração de que, por trás da aparência de simplicidade, os povos indígenas possuem um universo de imaginação e de pensamento muito rico.

*CESARINO, Pedro. Histórias indígenas dos tempos antigos. São Paulo: Claro Enigma, 2015, p. 11-12. [Adaptado]*



Crianças da Aldeia Raposa Serra do Sol.  
Foto de Wilson Dias. Agência Brasil, 2013.

## PROPOSTA 2

Considere os textos abaixo e escreva uma dissertação sobre o papel das festas populares na continuidade de uma memória coletiva.

As festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento de integração da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social. [...] Ao expor a cultura, a memória histórica e os usos dos povos, as festas populares podem subverter as propostas de turismo predatório, beneficiando as comunidades envolvidas em tal atividade.

*FERREIRA, Maria Narareth. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. Comunicação e informação, v. 9, n. 1, p.111-117, 2006. [Adaptado].*



Disponível em: <<http://tokdehistoria.com.br/tag/ariano-suassuna>>.  
Acesso em: 1 out. 2015.

As festas populares são momentos ímpares de expressão e de manifestação da cultura popular, de sociabilidade, integrando diversas tradições, nas quais as camadas populares se envolvem com intensidade. As festas possuem um potencial para se tornarem um momento de manifestação popular ou mesmo de quebra de comportamentos padronizados.

*SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX ao XX. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004.*

### PROPOSTA 3

Considere os textos abaixo e redija uma crônica que tematize um aspecto das relações de solidariedade na sociedade contemporânea.

A caridade da esmola é vertical, semeia costumes ruins e é humilhante. Como diz um provérbio africano, a mão que dá está sempre acima da mão que recebe. Mas as relações de solidariedade, que são horizontais, geram respostas completamente diferentes.

*Entrevista com Eduardo Galeano. Carta maior, 29 jan. 2010. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/Eduardo-Galeano-ainda-temos-capacidade-de-loucura-/2/23866>>. [Adaptado]. Acesso em: 25 nov. 2015.*

Se concordarmos com o conceito de solidariedade como vínculo de responsabilidade recíproca, já teremos saído do uso vago dessa expressão atribuído pelo senso comum.

*ALMEIDA, João Carlos. Antropologia da solidariedade. Notandum, Universidade do Porto, v. 14, p.67;70, 2007. Disponível em: <[hottopos.com/notand14/joao.pdf](http://hottopos.com/notand14/joao.pdf)>. [Adaptado]. Acesso em: 25 nov. 2015.*



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 110.

UECE 2016

PROPOSTA 1

Considere a seguinte charge:



(Gazeta do Povo, 08 jul. 2015.)

Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tirésias profetizou que ele teria uma vida longa se não visse a própria face. Depois de adulto, após uma caçada, ele se debruçou numa fonte para beber água. Nessa posição, viu seu rosto refletido na água e se apaixonou pela própria imagem. Ali ficou, imóvel na contemplação de seu rosto refletido, e assim morreu.

(Fonte: KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.)

A charge de Benett apropria-se do mito de Narciso para questionar um comportamento atual. Em um texto de 8 a 10 linhas:



- explicita qual é o comportamento criticado na charge e a relação que o autor estabelece entre essa tendência atual e o mito grego;
- posicione-se em relação à crítica de Benett e justifique o ponto de vista defendido por você.

### PROPOSTA 2

#### Complexo de vira-lata dos brasileiros

Adam Smith (estudante de Oxford)

Pouco depois de chegar a São Paulo, fui a uma loja na Vila Madalena comprar um violão. O atendente, notando **meu sotaque, perguntou de onde eu era. Quando respondi “de Londres”, veio um grande sorriso de aprovação. Devolvi a pergunta e ele respondeu: “sou deste país sofrido aqui”.**

Fiquei surpreso. Eu – como vários gringos que conheço que ficaram um tempo no Brasil – adoro o país pela cultura e pelo povo, apesar dos problemas. E que país não tem problemas? O Brasil tem uma reputação invejável no exterior, mas os brasileiros, às vezes, parecem ser cegos para tudo exceto o lado negativo. Frustração e ódio da própria cultura foram coisas que senti bastante e me surpreenderam durante meus 6 meses no Brasil. Sei que há problemas, mas será que não há também exagero (no sentido apartidário da discussão)?

Tem uma expressão brasileira, frequentemente mencionada, que parece resumir essa questão: complexo de vira-lata. A frase tem origem na derrota desastrosa do Brasil nas mãos da seleção uruguaia no Maracanã, na final da Copa de 1950. Foi usada por Nelson Rodrigues para **descrever “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”.** E, por todo lado, percebi o que gradualmente comecei a enxergar como o aspecto mais “sofrido” deste país: a combinação do abandono de tudo brasileiro, e veneração, principalmente, de tudo americano. É um processo que parece estrangular a identidade brasileira.

Sei que é complicado generalizar e que minha estada no Brasil não me torna um especialista, mas isso pode ser visto nos **shoppings, clones dos “malls” dos Estados Unidos, com aquele microclima de consumismo frígido e lojas com nomes em inglês e onde mesmo liquidação vira “sale”.** Pode ser sentido na comida. Neste “país tropical” tão fértil e com tantos produtos maravilhosos, é mais fácil achar hot dog e hambúrguer do que tapioca nas ruas. Pode ser ouvido na música americana que toca nos carros, lojas e bares no berço do Samba e da Bossa Nova.

Pode ser visto também no estilo das pessoas na rua. Para mim, uma das coisas mais lindas do Brasil é a mistura das raças. Mas, em Sampa, vi brasileiras com cabelo loiro descolorido por

toda a parte. Para mim (aliás, tenho orgulho de ser mulato e afro-britânico), dá pena ver o esforço das brasileiras em criar uma aparência caucasiana.

O Brasil está passando por um período difícil e, para muitos brasileiros com quem falei sobre os problemas, a solução ideal seria ir embora, abandonar este país para viver um idealizado sonho americano. Acho esta solução deprimente. Não tenho remédio para os problemas do Brasil, obviamente, mas não consigo me desfazer da impressão de que, talvez, se os brasileiros tivessem um pouco mais orgulho da própria identidade, este país ficaria ainda mais incrível. Se há insatisfação, não faz mais sentido tentar melhorar o sistema?

*(Disponível em <<http://www.pragmatismopolitico.com.br>>. 14 mai. 2015. Adaptado.)*

Tendo como ponto de partida as impressões do estudante inglês Adam Smith sobre o Brasil, formule uma resposta para a seguinte questão:

Existe uma solução para o complexo de vira-lata dos brasileiros?

Seu texto deve:

- fazer referência ao texto, retomando seus argumentos;
- apresentar, com clareza e autonomia, uma resposta à pergunta acima, justificando-a;
- ter de 6 a 8 linhas.

### PROPOSTA 3

O infográfico a seguir faz uma comparação entre o espaço que três meios de transporte ocupam nas ruas para transportar 30 pessoas, para convencer as pessoas a reduzir o uso do automóvel.



(Disponível em <<http://planetasustentavel.abril.com.br/download/stand3-painel8-ocupacao-espaco.pdf>>. Acessado em 19 set. 2015. Adaptado.)

Escreva um texto informativo fazendo uma comparação entre os três meios de transporte contemplados na imagem.

Seu texto deve:

- apresentar fatores positivos e negativos associados a cada um dos meios de transporte;
- usar informações do infográfico, apresentando-as com suas próprias palavras, sem copiar trechos do texto;
- ter de 10 a 12 linhas.

#### PROPOSTA 4

Leia abaixo um trecho da entrevista do físico Marcelo Gleiser ao jornal Zero Hora.



Zero Hora — O senhor veio a Porto Alegre para falar sobre “ética na ciência”. Curiosamente, uma recente coluna sua sobre o tema está repleta de pontos de interrogação. O texto é uma sucessão de perguntas difíceis. O senhor já chegou a alguma resposta?

Gleiser — Nessa coluna, comecei tratando do romance Frankenstein, um dos símbolos mais poderosos sobre a questão da ética na ciência. Esse romance, de força mítica profunda, diz que existem certas questões científicas que estão além do que os humanos podem controlar. Mesmo que tecnologicamente possamos fazer algo — caso do doutor Victor Frankenstein, ao ressuscitar um cadáver usando eletricidade — não significa que moralmente estejamos prontos para fazê-lo. Você me pergunta se eu tenho respostas. O que a gente está tentando é começar a fazer as perguntas certas. Porque só quando se faz as perguntas certas é possível começar a encontrar algumas respostas.

ZH — E estamos prontos para chegar a essas respostas?

Gleiser — A questão em que você está interessado é se temos maturidade moral para decidir. E a resposta é simplesmente a seguinte: não. Não temos maturidade moral para certas questões. Mas isso não significa que a gente não deva fazer a pesquisa. Existe a ideia da Caixa de Pandora, onde estão guardados todos os males do mundo, e se você abre a Caixa de Pandora tudo escapa. As pessoas veem a ciência como um tipo de Caixa de Pandora: “Ah, esses cientistas ficam fuxicando, descobrem problemas sérios e depois a sociedade fica à mercê de avanços sobre os quais não temos controle”. Na verdade, não é nada disso. A ciência tem de ter total liberdade de pesquisa, contanto que certas questões sejam controladas ou pelo menos monitoradas por corpos especiais. Por exemplo, a questão da clonagem humana. Para mim, essa é uma das áreas que deveriam ser controladas com muito cuidado.

ZH — Quem deveria decidir as regras sobre o que se pode fazer?

Gleiser — Essa é a grande questão. Quem decide o que pode e o que não pode? Quem tem o direito de decidir por todas as pessoas? Acho que deveria haver uma aliança entre o Judiciário e um corpo de cientistas escolhido por órgãos do governo para estabelecer regras. Mas, infelizmente, qualquer tecnologia que possa ser desenvolvida mais cedo ou mais tarde vai ser desenvolvida.

*(Zero Hora. 13 out 2013.)*

Exponha as principais ideias de Marcelo Gleiser num texto de 8 a 10 linhas, totalmente em discurso indireto.

### PROPOSTA 5

Considere o seguinte texto:

---

## Um inadiável acerto de contas com a Mãe Terra

A encíclica do Papa Francisco sobre “O cuidado da Casa Comum” (Laudato Si) está sendo vista como a encíclica “verde”, semelhantemente como quando dizemos economia “verde”. Eis aqui um grande equívoco. Ela não quer ser apenas “verde”, mas também propor a ecologia “integral”.

Na verdade, o Papa deu um salto teórico da maior relevância ao ir além do ambientalismo verde e pensar a ecologia numa perspectiva holística, que inclui o ambiental, o social, o político, o educacional, o cotidiano e o espiritual. Ele se coloca no coração do novo paradigma, segundo o qual cada ser possui valor intrínseco, mas está sempre em relação com tudo, formando uma imensa rede, como aliás o diz exemplarmente a Carta da Terra.

Em outras palavras, trata-se de superar o paradigma da modernidade. Este coloca o ser humano fora da natureza e acima dela, como “seu mestre e dono” (Descartes), imaginando que ela não possui nenhum outro sentido senão quando posta a serviço do ser humano, que pode explorá-la a seu bel-prazer. Esse paradigma subjaz à tecnociência, que tantos benefícios nos trouxe, mas que simultaneamente gestou a atual crise ecológica, pela sistemática pilhagem de seus bens naturais.

E o fez com tal voracidade que ultrapassou os principais limites intransponíveis (a sobrecarga da Terra). Uma vez transpostos, colocam em risco as bases físico-químico-energéticas que sustentam a vida (clima, água, solos e biodiversidade, entre outros). É hora de se fazer um ajuste de contas com a Mãe Terra: ou redefinimos uma nova relação mais cooperativa para com ela, e assim garantimos a nossa sobrevivência, ou conheceremos um colapso planetário.

O Papa inteligentemente se deu conta dessa possibilidade. Daí que sua encíclica se dirige a toda a humanidade e não apenas aos cristãos. Tem como propósito fundamental **cobrar um novo estilo de vida e uma verdadeira “conversão ecológica”**. Esta implica um novo modo de produção e de consumo, respeitando os ritmos e os limites da natureza também em consideração das futuras gerações às quais igualmente pertence a Terra. Isso está implícito no novo paradigma ecológico.

Como temos a ver com um problema global que afeta indistintamente a todos, todos são convocados a dar a sua contribuição: cada país, cada instituição, cada saber, cada pessoa e, no caso, cada religião.

**Assevera claramente que “devemos buscar no nosso rico patrimônio espiritual as motivações que alimentam a paixão pelo cuidado da criação” (Carta do Papa Francisco de 6/08/2015). Observe-se a expressão “paixão pelo cuidado da criação”. Não se trata de uma reflexão ou algum empenho meramente racional, mas de algo mais radical, “uma paixão”.** Invoca-se aqui a razão sensível e emocional. É ela e não simplesmente a razão que nos fará

tomar decisões, nos impulsionará a agir com paixão e de modo inovador, consoante a urgência da atual crise ecológica mundial.

O Papa tem consciência de que o cristianismo (e a Igreja) não está isento de culpa por termos chegado a esta situação dramática. Durante séculos pregou-se um Deus sem o mundo, o que propiciou o surgimento de um mundo sem Deus. Não entrava em nenhuma catequese o **mandato divino, claramente assinalado no segundo capítulo do Genesis, de “cultivar e cuidar o jardim do Éden”**. Pelo contrário, o conhecido historiador norte-americano Lynn White Jr., ainda em 1967, acusou o judeu-cristianismo, com sua doutrina do domínio do ser humano sobre a criação, como o fator principal da crise ecológica. Exagerou, como a crítica tem mostrado. Mas, de todo modo, suscitou a questão do estreito vínculo entre a interpretação comum sobre o senhorio do ser humano sobre todas as coisas e a devastação da Terra, o que reforçou o projeto de dominação dos modernos sobre a natureza.

O Papa opera em sua encíclica uma vigorosa crítica ao antropocentrismo dessa interpretação. Entretanto, na carta de instauração do dia de oração, com humildade suplica a Deus **“misericórdia pelos pecados cometidos contra o mundo em que vivemos”**. Volta a referir-se a São Francisco, com seu amor cósmico e respeito pela criação, o verdadeiro antecipador daquilo que devemos viver nos dias atuais.

*(BOFF, Leonardo. Em <<http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/09/06/um-inadiavel-acerto-de-contas-com-a-mae-terra/>>. Acesso em 14 set 2015. Adaptado.)*

- Elabore um resumo desse texto, de 09 a 12 linhas, respeitando as características do gênero textual.
- Apresente a tese do autor e os argumentos que ele utiliza para justificá-la.
- Escreva com suas próprias palavras, sem copiar trechos do texto.